

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA, UM OLHAR DO PROFESSOR**

Fernanda Leite Dias

Belo Horizonte

2013

FERNANDA LEITE DIAS

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA, UM OLHAR DO PROFESSOR**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Merie Bitar Moukachar

BELO HORIZONTE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFMG

2013

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Elaine e Waldir, por nunca me deixarem desistir. Por acreditarem em mim mesmo quando nem eu acreditava. Pelas orações e por ouvirem todos os desabafos!

Às minhas irmãs, Alessandra e Luana, por mesmo de longe estarem tão perto!

À Alice pela alegria e amor dedicados nos mais sinceros sorrisos!

Ao meu marido, Flávio, que se propôs ser parte integrante desse projeto, sempre presente, oferecendo “aquele” apoio e amor incondicional. “Casar durante a pós graduação foi a loucura que deu certo!”

Às professoras, colegas de trabalho, pela contribuição e parceria, e por fazer dar certo essa proposta. Com certeza nossos encontros valeram a pena!

À professora Merie pelo carinho e paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão dessa monografia!

Às colegas de curso, principalmente às colegas de grupo de orientação, por estarmos sempre juntas, uma apoiando a outra!

Continuo contando com vocês orando por mim, para que minhas ações sejam justas e minhas atitudes reflitam sempre o amor de Deus. A todos meu obrigado!

DIAS, Fernanda Leite. *A inclusão da criança com deficiência, um olhar do professor*. Monografia (Especialização em Docência Infantil). Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Merie Bitar Moukachar

## RESUMO

Esta monografia discorre sobre a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil e a reflexão junto a eles sobre essa visão com o intuito de promover transformações. Apesar do avanço na legislação brasileira com relação à inclusão de pessoas com deficiência nas escolas da rede regular de ensino, ressalta-se que o preconceito, o medo e a desinformação ainda encontram-se arraigados em nossa sociedade, dificultando as possibilidades de práticas pedagógicas que atendam as diferentes necessidades e especificidades de todos os alunos, com ou sem deficiência. Quando o assunto é educação e aprendizagem escolar, considera-se o professor como eixo principal desse processo, cobrado pelo sucesso ou fracasso escolar de seus alunos. Portanto, formar profissionais capazes de organizar situações de aprendizagens que atendam as especificidades e necessidades de todos os alunos é algo desafiador, mas necessário. A hipótese desta pesquisa é de que a oportunidade de reflexão e discussão sobre as práticas pedagógicas que atendam as diferentes necessidades leva a transformações das mesmas. A pesquisa para esta monografia foi desenvolvida em uma instituição pública municipal de educação infantil de Belo Horizonte, que atende a crianças da região noroeste de Belo Horizonte. O desenvolvimento deste trabalho constituiu-se inicialmente por uma revisão da literatura em torno do tema, e, em seguida, um estudo de caso a partir de observações, entrevistas com professoras. Posteriormente deu-se o desenvolvimento de uma intervenção através de um plano de grupos de discussão sobre a inclusão escolar com professoras, a partir de orientações e pressupostos da pesquisa-ação. Foram realizadas anotações sistemáticas das informações obtidas tanto nas observações quanto nas entrevistas e grupos de discussão. A realização dessa pesquisa contribuiu para a identificação de novas perspectivas de trabalho, pelos professores, e a valorização do papel dos mesmos no desenvolvimento e aprendizagem do aluno com deficiência.

Palavras-chave: Inclusão escolar; práticas pedagógicas; grupos de discussão

DIAS, Fernanda Leite. *The inclusion of children with disabilities, an educator's view*. Monograph (Specialization in Children's Teaching). Belo Horizonte: Faculty of Education, Federal University of Minas Gerais, 2013.

### **ABSTRACT**

The educators' view of the inclusion of children with disabilities in child education is the aim of this monograph as well as the reflection carried out with them on this view with the objective of reaching transformations. Despite advances in Brazilian legislation regarding the inclusion of people with disabilities in schools of the regular school system, prejudice, fear and lack of information are still deep-seated in our society, hindering the possibilities of pedagogical practices that meet the different needs and specificities of all students with or without disabilities. When it comes to education and learning, educators are considered the main axes of this process, responsible for their students' success or failure. Therefore, the training of professionals who will be able to organize learning situations that meet the specificities and needs of all students is somewhat challenging, but necessary. The hypothesis of this research is that the opportunity of reflecting and debating the pedagogical practices that may fulfill the different needs leads to their transformations. The research carried out for this monograph was developed in a municipal educational institution for children which receives children dwelling in the northwestern region of Belo Horizonte city. The development of this work was constituted initially by a review of the literature on the topic, and then a case study based on observations and interviews with teachers. Subsequently, there was the development of an intervention through a discussion group with teachers about inclusive education based on the guidelines and assumptions of action-research. Systematic collection of data was carried out both from the observations and from interviews and discussion groups. The achievement of this research has contributed to the identification of new job perspectives, for the teachers, and the enhancement of the teachers' role in the development and education of students with disabilities.

**Keywords:** School inclusion; pedagogical practices; discussion groups.

## SUMÁRIO

1.	Introdução.....	6
1.1.	Justificativa.....	7
1.2.	Objetivos.....	8
2.	Fundamentação Teórica.....	9
3.	Metodologia.....	12
4.	Resultados e Discussão.....	14
4.1.	As entrevistas com as professoras que atuam com uma criança com deficiência em sala de aula.....	14
4.2.	A observação em sala de aula.....	16
4.3.	Os grupos de discussão, momentos de reflexão.....	18
5.	Conclusão.....	24
6.	Referências.....	26
7.	Apêndice.....	28
A	Tópicos para a entrevista com as professoras.....	28
B	Termo de livre consentimento e esclarecimento à família.....	29
C	Termo de livre consentimento e esclarecimento às professoras.....	31
8.	Anexo.....	33
A	Texto trabalhado com as professoras.....	33

## 1. Introdução

O Brasil atualmente possui uma política educacional que estabelece como estratégia a criação de um processo transformador das escolas comuns possibilitando, assim, o ingresso de um maior número de pessoas com diferentes características, condições e necessidades.

O maior acesso à educação tem significado uma maior diversidade de alunos na escola, porém, os sistemas educacionais de ensino seguem oferecendo uma educação homogênea que, nem sempre, satisfaz às diferentes necessidades e especificidades dos alunos.

A criação de escolas inclusivas é um meio fundamental de avançar para uma sociedade mais justa e democrática.

Entende-se por educação inclusiva aquela que atende a todos os alunos sem discriminações, principalmente aqueles que por anos estiveram à margem da sociedade: negros, pobres, índios e pessoas com deficiência.

O atual trabalho pretende identificar e analisar a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil e refletir junto a eles sobre essa visão com o intuito de promover transformações.

Os alunos com deficiência têm seus direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 que garante sem discriminações o acesso, ingresso e permanência de todos com igualdade de oportunidades preferencialmente na rede regular de ensino.

O movimento inclusivo ganha força com a declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) que proíbem qualquer tipo de exclusão ou restrições às pessoas com deficiência.

Valorizar as peculiaridades de cada aluno, atender a todos na escola incorporando a diversidade sem nenhum tipo de distinção nunca esteve tão presente no dia-a-dia da educação. Na educação inclusiva é necessário o envolvimento de toda comunidade escolar no planejamento de ações e estratégias que favoreçam o desenvolvimento das potencialidades dos alunos com deficiência. Não se trata apenas de admitir a matrícula, isso nada mais é do que cumprir a lei.

Diante das dificuldades é fundamental que se reflita sobre qual a importância ocupada pela educação inclusiva no processo de formação do professor.

O professor precisa conhecer o que a legislação contempla, a fim de ter consciência do que está acontecendo no ambiente jurídico e de que forma pode-se cobrar dos órgãos públicos. Contudo, incluir não é simplesmente levar a criança com deficiência para frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a família e para a criança.

A pesquisa para este trabalho foi desenvolvida em uma instituição pública municipal de educação infantil de Belo Horizonte, que atende à crianças do bairro Alto dos Pinheiros, região noroeste de Belo Horizonte, e entorno.

As referências bibliográficas usadas neste trabalho têm como ponto convergente autores que discutem a inclusão escolar dos alunos com deficiência, tais como Coll, Palácios e Marchesi (1995), Mantoan (2006) e Veiga (2008). Os autores listados consideram as escolas inclusivas da rede comum de ensino uma importante oportunidade para o desenvolvimento de crianças com deficiência e destacam a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem dessas crianças. Além das legislações vigentes referentes à inclusão escolar e Abreu (2000/2001) por considerar o acolhimento do professor uma importante condição para a aprendizagem.

## **1.1 Justificativa**

Muito se fala sobre inclusão, mas o que se conhece é uma parte da lei que determina a entrada de pessoas com deficiência na rede regular de ensino. Cumpre-se a lei, mas devemos lutar pela qualidade do atendimento a esses alunos.

A inclusão na educação infantil é de grande importância, já que nesta etapa da educação são oferecidas propostas que tendem a desenvolver a criança como um todo.

A infância constitui-se na fase do desenvolvimento humano mais significativa para a vida do indivíduo, pois nela se constrói a subjetividade, a afetividade e a inteligência.

A construção do vínculo na educação infantil e a socialização exercem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, principalmente no que diz respeito às crianças com deficiência.

Assim, como afirma Abreu (2000/2001), o acolhimento do professor para com seus alunos é de grande importância no processo de aprendizagem. Para a autora, acolhimento significa estar presente e contribuir na superação das dificuldades do aluno. Atitudes acolhedoras devem ser adaptadas a cada situação, podendo se manifestar das mais diversas formas.

Quando o assunto é educação e aprendizagem escolar, enxerga-se o professor como eixo principal desse processo, cobrado pelo sucesso ou fracasso escolar de seus alunos.



Contudo, muitas vezes são esquecidos como pessoas, com uma história de vida, concepções próprias, sentimentos, medos e anseios oriundos a uma experiência anterior .

Porém a educação inclusiva é algo real e deve ser considerada como possível. A quebra do paradigma educacional voltado para um modelo homogêneo é emergente e se faz possível ao levarmos em consideração a diversidade humana.

Formar profissionais capazes de organizar situações de aprendizagens que atendam as especificidades e necessidades de todos os alunos é algo desafiador, mas necessário.

## 1.2. Objetivos

**Objetivo Geral:** Identificar e analisar a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil buscando promover transformações em suas práticas.

### **Objetivos Específicos:**

- Caracterizar as concepções de professores da educação infantil a respeito da inclusão escolar.
- Identificar como a inclusão de crianças com deficiência impacta na organização do trabalho pedagógico.
- Promover momentos de reflexão com professores sobre as suas práticas para a inclusão escolar de crianças com deficiência.

## 2. Fundamentação Teórica

Os alunos com deficiência têm seus direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 que garante sem discriminações o acesso, ingresso e permanência de todos com igualdade de oportunidades preferencialmente na rede regular de ensino.

Em 1994, a declaração de Salamanca marca um movimento inclusivo ao garantir que:

Todas as escolas devem acolher a todas as crianças, independente de suas condições pessoais, culturais ou sociais; crianças deficientes e superdotados/altas habilidades, crianças de rua, minorias étnicas, lingüísticas ou culturais, de zonas desfavorecidas ou marginalizadas, o qual um desafio importante para os sistemas escolares. As escolas inclusivas representam um marco favorável para garantir a igualdade de oportunidades e a completa participação, contribuem para uma educação mais personalizada, fomentam a personalidade entre todos os alunos e melhoram a relação custo-benefício de todo sistema educacional. (Declaração de Salamanca, Necessidades Educativas Especiais, 7 e 10 de junho de 1994, Salamanca, Espanha / UNESCO)

Esse movimento foi reafirmado em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9394/96, que no seu capítulo V, artigos 58, 59 e 60, “Da Educação Especial”, coloca que:

Entende-se por educação especial, para efeitos da lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades educacionais especiais.

Os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais: currículos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender as suas necessidades; professores com especialização e capacitação para a integração desses alunos nas classes especiais comuns; educação especial para o trabalho; acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível regular.

O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 2006, Brasília, DF, Senado.)

Sendo assim, a educação inclusiva considera a diversidade como uma oportunidade para enriquecer os processos de aprendizagem, contribuindo para o melhoramento da qualidade de educação.

Coll, Palácios e Marchesi (1995) afirmam que as escolas integradoras da rede regular de ensino são uma importante oportunidade para o desenvolvimento de crianças com deficiência e que essa integração não oferece dificuldades insuperáveis, podendo contribuir para ultrapassar as barreiras sociais do preconceito.

Segundo esses autores, para que haja uma educação integral e inclusiva é necessário introduzir técnicas pedagógicas e adaptações curriculares que visam o desenvolvimento individual do aluno.

Toda escola possui plena autonomia para identificar as necessidades educacionais especiais de seu aluno, analisar e promover as devidas adaptações no currículo adotado, garantindo sua acessibilidade.

A escola inclusiva tem como objetivo tornar efetivo o direito à educação, a igualdade de oportunidades e de participação.

Assim, como discute Veiga (2008),

Partindo do pressuposto de que a educação é um direito de todos e de que as crianças devem conviver desde a mais tenra infância umas com as outras, sem haver segregação ou discriminação das que apresentam alguma diferença ou deficiência, defende-se a proposta da inclusão de crianças deficientes na Educação Infantil (VEIGA, 2008, P. 170).

a inclusão de crianças na educação infantil se faz fundamental no processo de desenvolvimento da criança.

O direito à educação não significa somente o acesso a ela, mas também, que seja de qualidade e garanta que os alunos aprendam. Os professores são parte fundamental desse processo. Abreu (2001) defende a importância do acolhimento do professor no processo de aprendizagem. No entanto, a autora chama a atenção para que não se caia em estereótipos, isto é, a imagem do professor “bonzinho”. Acolhimento para ela significa estar presente e contribuir na superação das dificuldades do aluno. Assim, as atitudes acolhedoras devem ser adaptadas a cada situação diferente, podendo se manifestar das mais diversas formas.

De acordo com Veiga (2008), muitas vezes, as pessoas que se propõem a educar e cuidar dessas crianças se sentem perdidas e angustiadas, seja pela dificuldade na relação com elas, seja pelas distorções e preconceitos advindos da falta de informação sobre a deficiência e suas consequências no desenvolvimento e aprendizagem da criança, podendo até se julgarem incapazes de assumir essa tarefa com eficiência.

Contudo, assim como afirma Mantoan (2006) o despreparo dos professores não podem continuar sendo justificativa para fugirmos das necessidades de se fazer efetivamente uma inclusão escolar.

Mantoan (2006) também discute que:

Se a inclusão for uma das razões fortes de mudança, temos condições de romper com os modelos conservadores da escola comum brasileira e iniciar um processo gradual, porém firme, de redirecionamento de suas práticas para melhor qualidade de ensino para todos. (MANTOAN, 2006, p. 15).

Mas, finalizamos essa fundamentação, com Mittler (2003) que ressalta que criar oportunidades para a capacitação dos profissionais que atuam com alunos com deficiência não significa influenciar o modo como os professores sentem-se em relação à inclusão escolar, mas levá-los a refletir sobre propostas de mudanças que mexem com seus valores e convicções. Para Mittler (2003, p. 184) “É importante que a inclusão não seja vista apenas como mais uma outra inovação educacional.”

### 3. Metodologia

Na busca de conhecer mais sobre a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil, o desenvolvimento deste trabalho constituiu-se inicialmente por uma revisão da literatura em torno do tema, e, em seguida, um estudo de caso a partir de observações, entrevistas com professoras, e, posteriormente o desenvolvimento de uma intervenção através de um plano de grupos de discussão sobre a inclusão escolar com professoras, a partir de orientações e pressupostos da pesquisa-ação. Foram realizadas anotações sistemáticas das informações obtidas tanto nas observações quanto nas entrevistas e grupos de discussão.

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é um tipo de investigação-ação, que é um tema geral para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela.

Durante a pesquisa foram observadas e entrevistadas três professoras que trabalham com uma aluna com deficiência em uma turma de crianças de dois anos que estudam na UMEI em período integral. Uma professora trabalha com a turma no período da manhã, uma no período da tarde e outra trabalha com a turma em tempo integral. Para manutenção do sigilo exigido por questões éticas nas pesquisas, as professoras serão apresentadas aqui por nomes fictícios Amanda, Berenice e Camila e a criança será apresentada com nome fictício, Maria.

Segundo Vianna (2003), a observação é uma das mais importantes fontes de informação em pesquisas qualitativas em educação.

[...] sem acurada observação, não há ciência. Essencial ao observador não é simplesmente olhar, necessário se faz saber ver, identificar e descrever as inúmeras interações e processos humanos. No trabalho de campo é fundamental ao observador ser capaz de manter a concentração, tolerância, sensibilidade e, muita capacidade física, mental e emocional para investir nesse propósito (VIANNA, 2003, p. 12).

A escolha do professor como sujeito de investigação se deu por considerar o professor como instrumento fundamental para um efetivo processo inclusivo, isso não diminui a responsabilidade dos demais envolvidos nesse processo como os pais, a escola como um todo, a comunidade escolar, a sociedade e governo.

Após as observações e entrevistas, foram realizados três grupos de discussão e reflexão com as três professoras. No primeiro grupo foi apresentado e discutido o texto “Bem vindo à Holanda” (1987), no segundo grupo foram discutidas as concepções de inclusão escolar trazidas pelas legislações vigentes e pelos autores Coll, Palácios e Marchesi (1995), Mantoan (2006) e Veiga (2008), utilizados como base teórica nessa pesquisa. E, finalmente,

no último grupo de discussão realizamos uma análise compartilhada dos dados obtidos durante a pesquisa, levando assim a uma reflexão da atuação pedagógica e das concepções de inclusão apresentadas por cada uma das professoras, sujeitos dessa pesquisa.

Moukachar (2013) discute em sua tese a importância da análise compartilhada dos dados

O objetivo delineado foi de que, nessa oportunidade, cada professora pudesse discutir as análises até aquele momento realizadas, para (i) complementar as ideias apresentadas na primeira entrevista; (ii) responder às indagações que surgiram nessa primeira vista do material pela pesquisadora, mas, fundamentalmente, (iii) buscar mais respostas para a questão central da pesquisa (...) (p. 93)

O autor Mittler (2003) também considera a importância das oportunidades de reflexão para com professores

Os professores precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudanças, que mexem com seus valores e com suas convicções, assim como aquelas que afetam sua prática profissional cotidiana (MITTLER, 2003, P. 184).

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados termos de consentimento com as três professoras (ver apêndice C) e com a mãe da criança com deficiência (ver apêndice B). Foi utilizado, também, um roteiro de entrevista (ver apêndice A).

Em síntese, foram desenvolvidas as seguintes etapas nesse trabalho:

- A- Entrevistas com as professoras que têm incluído em sua turma alunos com deficiências;
- B- Observação em campo;
- C- Grupos de discussão e reflexão sobre a inclusão escolar com as professoras.

## 4. Resultados e Discussão

### 4.1. As entrevistas com as professoras que atuam com uma criança com deficiência em sala de aula:

A turma escolhida para a realização da presente pesquisa foi uma turma de crianças de dois a três anos de idade que funciona em período integral na instituição municipal de ensino. Foram escolhidas para sujeitos de pesquisa, as três professoras referência da turma, sendo a primeira professora (professora Camila<sup>1</sup>) referência no turno da manhã, responsável pela turma no horário de sete às onze horas e trinta minutos; a segunda professora (professora Amanda) responsável pelo horário intermediário, de oito horas e trinta minutos às treze horas e a terceira e última professora (professora Berenice) responsável pela turma no horário de treze às dezessete horas e trinta minutos. As professoras trabalham as propostas pedagógicas da turma em conjunto e cabe a professora do horário intermediário (professora Amanda) realizar a interlocução entre as professoras da manhã e da tarde.

Após a apresentação da pesquisa e aceitação e consentimento dos envolvidos na pesquisa comecei a realizar as entrevistas com as respectivas professoras.

Nas entrevistas, a partir de perguntas e observações busquei perceber as concepções das professoras a respeito da inclusão escolar para posteriormente observar a atuação delas com a aluna incluída.

Durante as entrevistas duas professoras mostraram-se tranquilas e à vontade para responder e dialogar sobre os questionamentos; a terceira, no entanto, mostrou-se incomodada e durante a entrevista recorria várias vezes a lembranças de outro aluno que teve incluído em sua sala, processo que parece ter sido “doloroso” e sem apoio da instituição de ensino.

Eu ficava sozinha e ninguém me ajudava, era uma turminha de 3 anos e a criança entrou depois (...) Eu ia pedir ajuda e falavam que eu não queria a criança na sala, que estava com preconceito, não era isso eu só não sabia o que fazer (...) Ele gritava, se debatia, batia nas outras crianças e saía correndo da sala o tempo todo, eu estava desesperada e rezava para o ano acabar. (Professora Camila)

Um dia ele rasgou a minha blusa, aí eu chamei a mãe dele para conversar, ela só chorou e no outro dia me deu uma blusa de presente (...) não era isso que eu queria (...) eu queria ajuda dela, já que ela conhecia melhor o filho, mas nem ela sabia o que fazer. (Professora Camila)

As três professoras possuem curso de magistério e graduação superior.

---

<sup>1</sup> Para se referir às professoras, a partir deste momento do texto, serão utilizados nomes fictícios, como forma de manutenção do sigilo necessário nas pesquisas qualitativas.

A Professora Amanda é graduada em Normal Superior. A professora Berenice em Pedagogia e a professora Camila em Psicologia. As professoras Amanda e Camila atuam na área da docência há menos de cinco anos e a professora Camila há vinte e um anos.

As professoras entendem o significado de inclusão como possibilidade de integração da pessoa com deficiência à sociedade. E nas respostas aparecem também:

tornar possível o acesso de maneira integral (Professora Amanda)

atendimento de qualidade para todos (Professora Berenice)

às vezes é sinônimo de sofrimento porque não sabemos o que fazer com o aluno, o aluno é seu e não da escola (Professora Camila)

Ao serem indagadas se são necessárias adaptações curriculares no atendimento do aluno com deficiência as três professoras respondem que sim e uma delas diz que o currículo deve ser flexibilizado, observando a necessidade do aluno (professora Berenice). Mas quando perguntadas sobre quais estratégias utilizam para que realmente haja a inclusão do aluno com deficiência em suas propostas de trabalho apenas a professora Berenice respondeu com tranquilidade e listou: diversidade de materiais, respeito ao ritmo da criança, atividades de psicomotricidade. As outras professoras ficaram inseguras para responder e listaram: interação com o grupo e um tempo para ficar com a aluna.

Ao perguntar se elas se sentem preparadas para atender as necessidades educacionais especiais do aluno com deficiência as três professoras não se sentem preparadas para lidar com as necessidades educacionais dos alunos com deficiência, mas dizem da necessidade da especialização e uma delas ressalta a necessidade do apoio da família e da escola para o conhecimento das especificidades da aluna.

temos que estudar e buscar sempre informações a respeito da inclusão, quando estudei não tinha essa matéria no curso, agora tenho que correr a traz. (Professora Amanda)

sei que nunca estamos preparados para lidar com o que é diferente, temos que buscar informações e lidar com o desafio. (Professora Berenice)

acho muito importante a gente conversar com a família antes da chegada da criança, para saber mais ou menos como agir, às vezes a criança chega e você nem sabe se ela fala ou não, ou se só não está falando porque está tímida ou assustada. (Professora Camila)

E finalmente com relação aos benefícios e prejuízos da inclusão, obtivemos respostas que nos conduzem a sintetizar que as professoras entendem *benefícios* como interação social, convivência com os outros, aprenderem juntos; e, em *prejuízos* como falta de preparo do



professor, dedicar um tempo maior com o aluno com deficiência enquanto os outros ficam um pouco de lado, muito trabalho, falta de ajuda. Isso se evidencia em falas como:

Às vezes fico preocupada em ficar um pouco mais do meu tempo em sala ajudando a criança com deficiência, parece que estou deixando os outros um pouco de lado (...). (Professora Amanda)

A falta de preparo do profissional é um prejuízo, pois colocaram as escolas inclusivas, mas não nos prepararam para isso. Mas temos que buscar conhecimento. (Professora Berenice)

Um prejuízo é muito, mas muito trabalho e olha que já temos muito!(...) Falta de ajuda da escola e da Família. (Professora Camila)

#### 4.2. A observação em sala de aula:

Durante dois meses pude observar, em alguns momentos e atividades propostas, a postura das professoras na atuação com a criança com deficiência, e, nesse item, serão descritos algumas situações consideradas importantes.

Na sala da Professora Berenice, em uma atividade de linguagem oral, o trabalho era dirigido a partir do relato das crianças sobre o que tinham realizado no final de semana em uma *roda de conversas*<sup>2</sup>. A professora perguntava o que as crianças tinham realizado no final de semana e elas respondiam uma a uma. A aluna Maria não utiliza a fala, mas gestos para se comunicar. Quando chegou a sua vez de falar, a criança logo se deitou no chão e começou a “nadar”, todos os colegas diziam “ela nadou, ela nadou!” e ela respondia “é”!

A inclusão de alunos com deficiências implica o desenvolvimento de ações adaptativas, visando à flexibilização do currículo, para que ele possa ser desenvolvido de maneira efetiva em sala de aula, e atender as necessidades individuais de todos os alunos. Ter um olhar diferenciado para perceber essas necessidades é um caminho para a inclusão escolar.

Em uma atividade de *contação de histórias*<sup>3</sup> a turma estava assentada no tapete, todos prestando atenção e curiosos com o que iria acontecer. A professora levou uma caixa e lá dentro havia um livro de histórias com o título “Tem um lobo no meu quarto” e um fantoche de lobo. Assim que a professora Amanda começou a ler a história, Maria começou a engatinhar entre as crianças. A professora chamou sua atenção, pois estava atrapalhando a concentração dos colegas. Ela saiu de perto dos colegas e começa a engatinhar pela sala. A

<sup>2</sup> A roda de conversas é uma atividade em que a professora orienta as crianças assentadas em roda a relatarem suas vivências, neste dia foi realizado o relato das vivências do final de semana de cada criança.

<sup>3</sup> A contação de histórias é uma atividade apreciada pelas crianças. Em roda é apresentada a elas uma caixa que contém um livro e um objeto relacionado a ele. A leitura é feita pelo professor.

professora não chama mais sua atenção, continua contando a histórias para os demais alunos da turma e parece ignorar a atitude de Maria. Diz “Ela não consegue se concentrar.”

Os autores Coll, Palácios e Marchesi (1995), em seu texto parecem propor atitudes diferentes da atitude tomada pela professora Amanda pois relatam que

ainda que se leve em conta a diversidade nos processos de planejamento da escola e da turma, pode ocorrer que certas necessidades dos alunos não sejam contempladas nesses níveis de planejamento, sendo necessário adaptar o currículo de forma individual. Em um currículo compreensivo e aberto, o último nível de ajuste da oferta educativa é resposta à diversidade e, por isso, será preciso realizá-la quando a programação da turma não for suficiente para responder a determinadas necessidades de um aluno. (COLL, PALÁCIOS E MARCHESI, 1995, p. 296)

Em outra atividade, agora de pintura, a professora Camila trabalha com as crianças assentadas na mesa, todas recebem uma folha de papel A3 e no centro da mesa são colocados potinhos de tinta. A professora assenta-se à mesma mesa em que Maria está assentada com mais três crianças. E diz (se dirigindo à pesquisadora), “gosto de orientá-la mais de perto porque se deixá-la livre é tinta para todos os lados!”

Perceber as necessidades e dificuldades específicas da criança e trabalhar de forma a auxiliá-la a vencer essas dificuldades inclui a criança na proposta pedagógica da turma, os autores Coll, Palácios e Marchesi (1995) discutem que

responder a diversidade significa romper com o esquema tradicional em que todas as crianças fazem a mesma coisa, na mesma hora, da mesma forma e com os mesmos materiais. A questão central é como organizar as situações de ensino de forma que seja possível personalizar as experiências de aprendizagem comuns, isto é, como conseguir o maior grau de interação e de participação de todos os alunos, sem perder de vista as necessidades concretas de cada um. (COLL, PALÁCIOS E MARCHESI, 1995, p. 293)

Em uma brincadeira de *macaco mandou*<sup>4</sup> a professora Amanda diz que cada hora uma criança seria o macaco e falaria o que as outras crianças teriam que fazer. As crianças ficaram agitadas e sorrindo! Quando chegou a vez de Maria falar, a professora perguntou: “E você Maria, o seu macaco mandou o quê?” e logo Maria colocou a mão na barriga, outra criança diz: “o macaco dela mandou colocar a mão na barriga!” todos colocam a mão na barriga. A brincadeira continua e quando chega novamente à vez da Maria, antes que a professora a perguntasse, ela coloca a mão na cabeça e todas as crianças imitam o gesto.

Percebemos que é importante adaptar as atividades propostas para a criança com deficiência para incluí-la de fato na aula apresentada. Cabe ao professor avaliar essa

---

<sup>4</sup> Na brincadeira “macaco mandou” um dos participantes é encarregado de ser o mestre e ficará a frente dos outros jogadores. Ele dará as ordens e todos os seguidores deverão cumpri-las desde que sejam precedidas das palavras de ordem: “Macaco mandou”.

necessidade e criar estratégias para envolver efetivamente a participação da criança com deficiência em sua aula. Assim como afirma Prieto (2006)

Os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nessas duas referências, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento e aprimorar o entendimento dos alunos. (PRIETO, 2006, p. 58)

Conforme a citação acima, durante o desenvolvimento dessa pesquisa e de acordo com o que foi descrito nesse item, percebe-se que a adaptação foi realizada pela professora Amanda, que teve um olhar diferenciado para as necessidades e especificidades de sua aluna.

#### **4.3. Os grupos de discussão, momentos de reflexão:**

Os grupos de discussão e reflexão aconteceram em três dias, com intervalo de uma semana entre eles. Nos três grupos estavam presentes as professoras Amanda, Berenice e Camila e a pesquisadora Fernanda.

Os encontros aconteceram no horário intermediário de atendimento da UMEI, de onze horas e trinta minutos às doze horas e trinta minutos, sendo este um horário que contemplava as três professoras. Os encontros tiveram duração média de uma hora e vinte minutos cada. As professoras mostraram-se disponíveis e interessadas em participar. Consideramos que essa foi uma atividade de pesquisa bastante significativa e produtiva, pois concordamos com Prieto (2006) que afirma que “Não há como mudar práticas de professores sem que os mesmos tenham consciência de suas razões e benefícios, tanto para os alunos, para a escola e para o sistema de ensino quanto para seu desenvolvimento profissional.” (p.59)

No primeiro grupo de discussão e reflexão foi apresentado e discutido junto às três professoras o texto “Bem vindo à Holanda” (ver anexo A). O texto foi escolhido a fim de trazer uma reflexão sobre as expectativas que os professores colocam sobre seus alunos e a dificuldade que encontram em lidar com as diferenças. O texto relata a experiência de uma mãe que dá a luz a uma criança com deficiência, toda a sua angústia e anseios devido a não conhecer e ter se preparado para receber uma criança com deficiência.

Após a leitura do texto houve um silêncio, as professoras se entreolharam, olharam novamente para o texto e finalmente a professora Camila diz: “É verdade, se ficarmos só

olhando para as dificuldades de receber uma criança com deficiência não veremos as possibilidades de trabalho.”

A professora Amanda discute a ideia de como o texto pode fazer um paralelo com a sala de aula e como provocou uma mistura de sentimentos, dizendo que “Foi um turbilhão de sentimentos, teve um momento que me senti envergonhada (...), mas é que não estamos realmente preparadas para lidar com essa situação.”

A professora Berenice relatou que já conhecia o texto e que ele era realmente interessante, que provoca incômodo e nos tira da zona de conforto

O texto meche com a gente, tira a gente da zona de conforto, ainda mais quando lido com o olhar da inclusão, do que a gente pode fazer e do tanto que a gente fica reclamando.

Ao final do grupo de discussão concluímos que se ficarmos nos remoendo por não conhecermos e ou sabermos como lidar e ensinar crianças com deficiência, nunca estaremos livres para apreciar as coisas mais especiais que elas têm a nos mostrar.

Após uma semana realizamos o segundo grupo de discussão e reflexão. Nesse grupo, foram discutidas as concepções de inclusão escolar trazidas pelas legislações vigentes a saber, a Constituição de 1988 que garante sem discriminações acesso, ingresso e permanência de todos com igualdade de oportunidades preferencialmente na rede regular de ensino; a Declaração de Salamanca (1994); e, finalmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), que proíbe qualquer tipo de exclusão ou restrições às pessoas com deficiência.

A legislação listada acima foi apresentada em material impresso e discutida em âmbito geral. Não foram lidas na íntegra devido à extensão do material e ao curto tempo destinado aos grupos de discussão.

As três professoras disseram já conhecerem o material e já terem lido alguns artigos.

Nesse momento nos prendemos aos artigos que se referem à inclusão de pessoas com deficiência:

Todas as escolas devem acolher a todas as crianças, independente de suas condições pessoais, culturais ou sociais; crianças deficientes e superdotados/altas habilidades, crianças de rua, minorias étnicas, lingüísticas ou culturais, de zonas desfavorecidas ou marginalizadas, o qual um desafio importante para os sistemas escolares. As escolas inclusivas representam um marco favorável para garantir a igualdade de oportunidades e a completa participação, contribuem para uma educação mais personalizada, fomentam a personalidade entre todos os alunos e melhoram a relação custo-benefício de todo sistema educacional. (Declaração de Salamanca,

Necessidades Educativas Especiais, 7 e 10 de junho de 1994, Salamanca, Espanha / UNESCO)

Entende-se por educação especial, para efeitos da lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades educacionais especiais.

Os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais: currículos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender as suas necessidades; professores com especialização e capacitação para a integração desses alunos nas classes especiais comuns; educação especial para o trabalho; acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível regular.

O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 2006, Brasília, DF, Senado.)

As professoras se detiveram mais na discussão sobre o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases, intitulado “Da Educação Especial” e disseram:

Aqui diz que o sistema de ensino vai assegurar, a gente que não se vira não para ver. Na escola é a gente sozinha, o aluno é nosso. (Professora Camila)

A LDB é de 1996 e parece que é de agora, pois até hoje não conseguimos garantir de verdade a inclusão. (Professora Beatriz)

É difícil garantir a oportunidade de aprendizagem de todos os alunos mas estamos caminhando. (Professora Camila)

Foram apresentados também os livros dos autores Coll, Palácios e Marchesi (1995), Mantoan (2006) e Veiga (2008), utilizados como base teórica nessa monografia. Esses também não foram lidos na íntegra.

Como esse grupo trouxe mais discussões teóricas, as professoras não se envolveram tanto quanto no grupo anterior. Mostraram-se mais cansadas e distraídas. No entanto, ao final do grupo concluímos que é fundamental discutir a teoria para embasar e fundamentar a prática.

Finalmente, o último grupo de discussão foi realizado na semana posterior com uma análise compartilhada dos dados obtidos durante a pesquisa, levando assim a uma reflexão da atuação pedagógica e das concepções de inclusão apresentadas por cada uma das professoras.

O grupo foi iniciando com a apresentação de alguns dos dados obtidos durante a pesquisa, relatado uma aula de cada professora. Esses dados dessas aulas, são os mesmos que foram utilizados na pesquisa e apresentados nessa monografia. É importante destacar que durante a leitura dos mesmos as professoras riam e ficavam lembrando momentos das aulas. Assim, foram lidos e discutidos os fragmentos das aulas observadas que serão descritos a seguir.

### **Fragmento da aula da professora Amanda:**

Em uma brincadeira de *macaco mandou*, a professora Amanda diz que cada hora uma criança seria o macaco e falaria o que as outras crianças teriam que fazer. As crianças ficaram agitadas e sorrindo! Quando chegou a vez de Maria falar, a professora perguntou: “E você Maria, o seu macaco mandou o quê?” e logo Maria colocou a mão na barriga, outra criança diz: “o macaco dela mandou colocar a mão na barriga!” todos colocam a mão na barriga. A brincadeira continua e quando chega novamente à vez da Maria, antes que a professora a perguntasse, ela coloca a mão na cabeça e todas as crianças imitam o gesto.

### **Fragmento da aula da professora Berenice:**

Na sala da Professora Berenice, em uma atividade de linguagem oral, o trabalho era dirigido a partir do relato das crianças sobre o que tinham realizado no final de semana em uma *roda de conversas*. A professora perguntava o que as crianças tinham realizado no final de semana e elas respondiam uma a uma. A aluna Maria não utiliza a fala, mas gestos para se comunicar. Quando chegou a sua vez de falar, a criança logo deitou no chão e começou a “nadar”, todos os colegas diziam “ela nadou, ela nadou!” e ela respondia “é”!

### **Fragmento da aula da professora Camila:**

Em outra atividade, agora de pintura, a professora Camila trabalha com as crianças assentadas na mesa, todas recebem uma folha de papel A3 e no centro da mesa são colocados potinhos de tinta. A professora assenta-se à mesma mesa em que Maria está assentada com mais três crianças. E diz (se dirigindo à pesquisadora), “gosto de orientá-la mais de perto porque se deixá-la livre é tinta para todos os lados!”

Após a leitura desses episódios específicos, de uma aula de cada professora iniciamos a discussão e reflexão dos mesmos.

Algumas questões foram levantadas pela pesquisadora:

- Houve adaptação curricular nas aulas apresentadas?
- Vocês, professoras, pensaram nas dificuldades da aluna Maria e em uma forma de incluí-la em suas aulas?
- A aluna Maria participou efetivamente das aulas? Alcançou os objetivos propostos?
- Como vocês avaliam a participação da Maria nas aulas?

As professoras ficaram pensativas, indicando que o objetivo de reflexão sobre aquelas situações estava sendo cumprido, e logo depois, começaram a falar:

A Maria não fala, mas se faz entender muito bem com gestos, então toda vez que estou realizando alguma atividade com as crianças, paro na vez dela e dou um tempo para ela se colocar, as crianças já perceberam isso e respeitam (...) Engraçado nunca havia parado para pensar nisso (...) (Professora Amanda)

Não foi intencional, mas Amanda teve um olhar diferenciado para as necessidades e especificidades da Maria e incluiu a mesma em suas atividades. A participação da criança foi efetiva e alcançou os objetivos propostos.

Mesmo sem falar o macaco dela disse! (Professora Amanda)

Também espero Maria se fazer entender, na verdade temos todas essa conduta, quando fiz a roda de conversas do final de semana fiquei um pouco apreensiva, mas deixei ela se colocar e ela se fez entender direitinho. Essa é uma proposta nova da turma, pois agora que eles estão conseguindo relatar o que aconteceu de verdade, separando da fantasia. Ela disse que havia nadado, escrevi para os pais sobre o que havia acontecido e perguntando se ela respondeu corretamente, a mãe disse que sim, que haviam ido ao clube. Depois desse dia pedi que a mãe sempre relatasse na agenda, na segunda-feira, o que Maria fez no final de semana, para poder ajudá-la na sua vez de falar. (Professora Berenice)

Percebemos que inicialmente não foi intencional também a atuação da professora Berenice em incluir Maria na atividade proposta, mas que nas atividades posteriores houve a intenção e a adaptação curricular.

Na minha atividade acho que também tive um olhar diferenciado para com a Maria, já sei que ela precisa de uma orientação mais de perto, porque se não ela se perde (...), pinta tudo a mesa, a roupa, o rosto, põe o pincel na boca (...), não é que ela não queira fazer, mas ela fica eufórica. Então tem que direcionar. As crianças também entendem e quando precisam da minha ajuda perguntam: 'Camila, depois que a Maria acabar você vem aqui?' Elas sabem que nesse momento eu só poderei ir depois que a Maria acabar, mas que eu vou. (Professora Camila)

Na atividade da professora Camila houve intenção em incluir Maria na proposta. Em alguns momentos, faz-se necessário esse atendimento mais próximo ao aluno com deficiência. No entanto, isso não significa deixar de lado os outros alunos, mas trabalhar de forma que todos sejam atendidos a seu tempo.

Ao término do grupo, discutimos sobre a importância da reflexão da prática pedagógica, para planejarmos e avaliarmos nossas práticas, e que, se os objetivos estão sendo alcançados é necessário parar e refletir. A teoria ajuda nesse momento, assim refletimos e transformamos nossa prática.

Concluimos que os grupos foram importantes para tais reflexões e ainda, para futuras transformações, e que os mesmos devem ser constantes. Concluimos, também, que mesmo

com certa insegurança as professoras estão trilhando meios e adaptações para promover a inclusão da Maria em suas propostas de trabalho.

Ao final dos grupos, as professoras sugeriram a utilização dos grupos de discussão e reflexão na escola para analisarem não só os aspectos relacionados à inclusão, mas outros assuntos polêmicos e de difícil solução no ambiente escolar, como a indisciplina e desmotivação de algumas crianças que estudam na instituição.



## 5. Conclusão

A atual pesquisa teve como objetivo analisar a visão de professoras da instituição educacional em que trabalho, quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil e refletir junto a elas sobre essa visão.

A pesquisa surgiu pela minha inquietação ao perceber que cada vez mais as instituições de educação infantil vêm recebendo alunos com deficiência e que os professores sentem-se inseguros e incomodados ao recebê-los, ou mesmo pela possibilidade de recebê-los.

Hoje a inclusão tende a colocar nas salas comuns todos os tipos de deficientes, o que desestabiliza os profissionais por não terem conhecimento sobre como agir e acabam por levantar questionamentos como: quais os limites destas crianças? O que elas são capazes de aprender? De que maneira ensinar e o que ensinar?

Mas temos observado que o importante é estar aberto a este recebimento não como obrigação legal, mas como profissional completo que é o professor (dentro do exercício pleno de sua profissão). Estar aberto é pesquisar e querer ir além, poder realizar sua rotina pedagógica na certeza de uma tarefa cumprida. Entender-se fazedor desta história acerca da inclusão.

A partir da realização dessa pesquisa, percebe-se que, assim como mostram outras pesquisas, os professores consideram a inclusão escolar com ganho social para o aluno com deficiência e acreditam na necessidade de se especializarem.

É importante ressaltar também que os professores com mais tempo de docência e formação acadêmica ficam com estigmas de serem despreparados e não investem em formação continuada. Porém o que observamos, é que mesmo os professores com pouco tempo de docência também não tem em sua formação um preparo que tem se mostrado suficiente para atuar com a inclusão de crianças com deficiência.

A formação do professor parece não estar correspondendo às suas necessidades práticas, pois mesmo possuindo formação superior mostram-se inseguros ao enfrentar o processo inclusivo. Essa sensação de insegurança diante do novo envolve não só aspectos pedagógicos, mas sentimentos pessoais, como medo e valores. Contudo, para alcançar o sucesso de qualquer objetivo há necessidade de disponibilidade e interesse.

Porém, não podemos acreditar que somente a formação dos professores faria a diferença no processo inclusivo, mas que também a necessidade de uma mudança de postura da escola como um todo.

É fato que a educação inclusiva se tornou em um novo paradigma que desafia o cotidiano escolar. Mas esse paradigma será quebrado e superado com atitudes de respeito e compreensão pelas diferenças e com mudanças de práticas homogêneas.

Esse trabalho teve como principal objetivo identificar e analisar a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil buscando promover transformações em suas práticas. Para contribuir na promoção de tais transformações junto às professoras, sujeitos principais dessa pesquisa, um ponto culminante de todo o trabalho foi a realização dos grupos de discussão e reflexão sobre a prática pedagógica de cada uma. A criação destes momentos foi considerada relevante pelas professoras que puderam observar e analisar o relato de suas práticas, refletirem sobre o que havia sido positivo ou não, perceber que, mesmo com certa insegurança, elas estão trilhando meios e adaptações para promover a inclusão de sua aluna com deficiência em suas propostas de trabalho. Foi, também, sugerido por elas que essa se torne uma prática da instituição, não só no trato de assuntos relacionados à inclusão, mas outros assuntos polêmicos e de difícil solução no ambiente escolar, como a indisciplina e desmotivação de algumas crianças que estudam na instituição.

Apesar de ter encontrado resistência de uma professora no início da pesquisa, notou-se grande interesse e participação das três professoras no decorrer da pesquisa, contribuindo para que essa pesquisa se efetivasse e podemos afirmar que a oportunidade de reflexão e discussão sobre as práticas pedagógicas leva a transformações das mesmas.

Vale destacar que cada escola tem sua própria forma de promover mudanças, mas vimos aqui que criar oportunidades para reflexão e discussão é essencial na implementação de inovações.

## 6. Referências

ABREU, Ana Rosa. Acolhimento: uma condição para a aprendizagem. *Revista Pátio*, Rio Grande do Sul, n.15. Nov./jan. p. 17-20. 2000/2001.

BRASIL. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado. Disponível em <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

BRASIL. (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 2006, Brasília, DF, Senado. Disponível em <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*. Trad. Marcos A. G. Domingues. V. 3. Porto Alegre: Artmed, 1995.

Declaração de Salamanca, Necessidades Educativas Especiais, 7 e 10 de junho de 1994, Salamanca, Espanha / UNESCO. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf)>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.

MOUKACHAR, Merie Bitar. *Psicologia da Educação nas Licenciaturas: Considerações sobre uma didática clínica*. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. ARANTES, Valéria Amorim (org.). São Paulo: Summus, 2006.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: contextos sociais. Trad. Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artimed, 2003.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. *Inclusão Escolar: pontos e contrapontos*. ARANTES, Valéria Amorim (org.). São Paulo: Summus, 2006.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VEIGA, Márcia Moreira. A inclusão de crianças deficientes na educação infantil. *Pandéia*, Belo Horizonte, ano V, n. 4/jun. 2008, p. 169-195.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano, 2003.

## 7. Apêndices

### Apêndice A – Tópicos para a entrevista com as professoras

Dados profissionais

- Formação:
- Tempo de docência:
- Tempo de atuação com o aluno com deficiência:

- 1- Qual é o seu conceito de inclusão?
- 2- Que estratégias são utilizadas em sala de aula para que realmente haja a inclusão do aluno com deficiência em suas propostas de trabalho?
- 3- São necessárias adaptações curriculares? Quais?
- 4- Você se sente preparado para atender as necessidades educacionais do aluno com deficiência?
- 5- Para você, quais são os benefícios e os prejuízos da inclusão?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2013

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
CARTA AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

Prezados pais e/ou responsáveis,

Realizaremos a pesquisa a inclusão de crianças com deficiência na educação infantil, na UMEI, com o objetivo de refletir junto a professores sobre a visão quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil.

Para atingir esse objetivo realizaremos observações do cotidiano. As observações serão feitas no espaço físico da escola, no horário normal de funcionamento da mesma.

As observações não oferecem quaisquer riscos para as crianças e nenhum procedimento invasivo, isto é, que possa causar dor ou dano físico ou moral será utilizado. Todos os dados obtidos por meio das observações serão sigilosos, e somente os pesquisadores responsáveis terão conhecimento ou acesso a eles. Os dados serão usados para análise que se transformará em trabalhos acadêmicos. As imagens feitas, bem como os outros dados coletados na pesquisa serão arquivados e ficarão sob a guarda das pesquisadoras responsáveis. Ressaltamos que a participação é voluntária, não havendo nenhum compromisso financeiro com a equipe da UFMG. Há plena liberdade dos sujeitos a se recusarem a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Essa pesquisa poderá beneficiar a escola pesquisada, assim como as pessoas envolvidas direta ou indiretamente na sua rotina, ou seja, professoras, alunos, pais, já que os dados e resultados obtidos serão informados e discutidos em momento oportuno. Tais dados e

resultados poderão subsidiar discussões e intervenções, contribuindo, dessa forma, cada vez mais para a melhoria do atendimento prestado por esta escola. Nós nos comprometemos a efetuar a devolução dos mesmos conforme a necessidade da instituição.

Os pais que permitirem a participação de seu/sua filho(a) nessa pesquisa, sob as condições descritas, assinarão o termo de compromisso em duas vias, uma das quais permanecerá com eles e a outra será arquivada.

Quaisquer dúvidas ou pedidos de informação a respeito do projeto serão imediatamente atendidos pela professora Fernanda.

Em vista dos esclarecimentos prestados, dou o consentimento para a participação do meu/minha filho(a) na pesquisa a inclusão de crianças com deficiência na educação infantil.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

(Assinatura dos pais ou responsáveis)

Realização:

**nep*ei***

**FAE**  
Especialização  
em Docência na  
Educação Infantil

**UF*m*G**

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

## Apêndice C – Termo de livre consentimento e esclarecimento às professoras

### FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

#### **CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

**Termo de consentimento livre e esclarecido** destinado à professora DA TURMA INTEGRAL II DA UMEI.

**Título do Projeto:** A inclusão da criança com deficiência, um olhar do professor

**Pesquisadora responsável:** Fernanda Leite Dias

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Merie Bitar Moukachar

1- Esta seção fornece informações acerca do estudo em que estará participando:

- A. Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que visa “Identificar e analisar a visão dos professores quanto à inclusão de crianças com deficiência na educação infantil buscando promover transformações em suas práticas”.
- B. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo.
- C. Os nomes da professora, dos alunos e da instituição serão retirados de todos os trabalhos e substituídos por pseudônimos.
- D. Serão realizadas: entrevista, observação, registro fotográfico e filmagem das atividades realizadas em sala de aula.
- E. Caso você participe deste estudo, não será necessário realizar nenhuma atividade além daquelas que já fazem parte de sua rotina habitual de trabalho.

2- Esta seção descreve os seus direitos como participante desta pesquisa:

- F. Você pode fazer perguntas sobre a pesquisa a qualquer momento e tais questões serão respondidas.
- G. A sua participação é confidencial. Apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso a sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a sua identificação será revelada.
- H. Sua participação é voluntária. Você é livre para deixar de participar na pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.
- I. Este estudo envolverá gravações de áudio e vídeo. Apenas as pesquisadoras terão acesso a esses registros.
- J. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, nenhum risco para a sua saúde mental ou física além daqueles que encontra normalmente em seu dia a dia.

3- Esta seção indica que você está dando seu consentimento para participar da pesquisa:

#### **Participante:**

A pesquisadora Fernanda Leite Dias, aluna do curso de Pós-graduação lato sensu em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e seu (sua) orientador(a), Merie Bitar Moukachar solicitaram



minha participação neste estudo intitulado: A inclusão da criança com deficiência, um olhar do professor. Concordo em participar desta investigação que utilizará os trabalhos produzidos para e em sala de aula; as participações em entrevistas; registros fotográficos, gravações de áudio e vídeo das interações em sala de aula e no espaço escolar.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome legível: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Pesquisadoras:**

Eu garanto que este termo de consentimento será seguido e que responderei a quaisquer questões que o(a) participante colocar, da melhor maneira possível.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Merie Bitar Moukachar

\_\_\_\_\_  
Fernanda Leite Dias

## 8. Anexos

### Anexo A – Texto trabalhado com as professoras

O texto abaixo faz parte do nosso arquivo e foi extraído de uma home-page da Cerebral Palsy Association of Western Austrália Ltd. e traduzido pela Dra. Mônica Ávila de Carvalho, mãe de Manuela, em Cambuquira, Minas Gerais, em 30/12/95.

Disponível em <<http://www.defnet.org.br/holanda.htm>> acesso em: 04 de novembro de 2013.

## **BEM VINDO À HOLANDA** **por Emily Perl Knisley, 1987**

*Freqüentemente, sou solicitada a descrever a experiência de dar à luz a uma criança com deficiência - Uma tentativa de ajudar pessoas que não têm com quem compartilhar essa experiência única a entendê-la e imaginar como é vivenciá-la.*

*Seria como...*

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias - para a ITÁLIA! Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu. O Davi de Michelângelo. As gôndolas em Veneza. Você pode até aprender algumas frases em italiano. É tudo muito excitante.

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia! Você arruma suas malas e embarca. Algumas horas depois você aterrissa. O comissário de bordo chega e diz:

*- BEM VINDO À HOLANDA!*

*- Holanda!?! - Diz você. - O que quer dizer com Holanda!?!? Eu escolhi a Itália! Eu devia ter chegado à Itália. Toda a minha vida eu sonhei em conhecer a Itália!*

Mas houve uma mudança de plano vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar.

A coisa mais importante é que eles não te levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença. É apenas um lugar diferente.

Logo, você deve sair e comprar novos guias. Deve aprender uma nova linguagem. E você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes.

É apenas um lugar diferente. É mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor, começar a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até Rembrants e Van Goghs.

Mas, todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália, estão sempre comentando sobre o tempo maravilhoso que passaram lá. E por toda sua vida você dirá: - *Sim, era onde eu deveria estar. Era tudo o que eu havia planejado!*

E a dor que isso causa nunca, nunca irá embora. Porque a perda desse sonho é uma perda extremamente significativa.

Porém, se você passar a sua vida toda remoendo o fato de não ter chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas e muito especiais sobre a Holanda.